



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**DA FADA AO MENDIGO: OS CONTRASTES SOCIAIS EM “A BELA E A FERA OU
A FERIDA GRANDE DEMAIS”, CLARICE LISPECTOR**

MARIA JOSELMA DE SOUSA PEREIRA

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2021

MARIA JOSELMA DE SOUSA PEREIRA

**DA FADA AO MENDIGO: OS CONTRASTES SOCIAIS EM “A BELA E A FERA OU
A FERIDA GRANDE DEMAIS”, CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436f Pereira, Maria Joselma de Sousa.

Da fada ao mendigo [manuscrito] : os contrastes sociais em "A bela e a fera ou A ferida grande demais" Clarice Lispector / Maria Joselma de Sousa. - 2021.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo , Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Clarice. 2. Literatura. 3. Espaço social. 4. Segregação. I.
Título

21. ed. CDD 801.95

MARIA JOSELMA DE SOUSA PEREIRA

**DA FADA AO MENDIGO: OS CONTRASTES SOCIAIS EM “A BELA E A FERA OU
A FERIDA GRANDE DEMAIS”, CLARICE LISPECTOR**

Aprovado em 08/Outubro/2021.

Banca examinadora

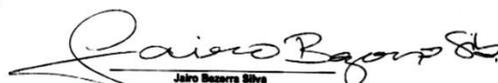


Responsável pelo preenchimento

Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba



Jairo Bezerra Silva

Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba

Católé do Rocha- PB

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por ter me sustentado até aqui. Aos meus filhos, incentivo diário para seguir. Aos meus pais, meu bem maior. À inesquecível professora Antônia Limeira (*in memoriam*), por me ajudar na concretização deste sonho. Aos amigos e familiares, por acreditarem e incentivarem, para que pudesse alcançar meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

A capacidade de elencar e distribuir palavras que definam este momento, sem dúvida alguma, foge de minha pessoa. Embora, ainda ouse dizer que dentre tantas palavras que conheço, poderia escolher o substantivo gratidão.

Sou grata a Deus, pois foram os seus ensinamentos e força que me guiaram até este momento. *“Tudo posso naquele que me fortalece”*, nunca duvidei disto, talvez seja por isso que consegui ser forte e corajosa, mesmo calejada, segui por um caminho que me levou à felicidade além dele. Sou grata aos meus pais, Pedro Manoel Francisco e Francilda Marques de Sousa, pelo dom da vida e apoio sempre. Ao meu esposo, Aislan Limeira, pelo incentivo e cobrança para ingressar numa jornada acadêmica. Aos meus filhos queridos, Felipe, Kauê, Kallebe e minha princesa Aisha, razão e motivação do meu esforço diário (e algumas dores de cabeça). Às minhas irmãs, Jaqueline, Joyce e Janaina, por terem me ajudado desde o início, por tantas tardes que passaram na UEPB, cuidando de minha filha, durante minhas aulas. Ao meu sobrinho, Lucas Rian, por também contribuir para o alcance de minha formação, por todas as vezes que te obriguei a ler meus trabalhos e opinar; por te chamar na madrugada para me ajudar a desenvolver ideias, enfim, por tudo e por tanto. A todos que compõem a Universidade Estadual da Paraíba, campus IV de minha tão amada cidade, Catolé do Rocha. A todos os professores que foram o pilar da minha formação enquanto formanda, como também pessoa. E em especial, agradeço ao meu professor e orientador, José Helber Tavares de Araújo, pela sua paciência e simplicidade, até em falar mais baixo, para não acordar minha filha Aisha, quando a levava às aulas comigo. Ao meu colega, Ítalo, pela amizade paciência e dedicação (e as discussões nos trabalhos). E a minha querida colega Luciana, por ter me ajudado a chegar até aqui, não só sendo amiga, mas, agradeço por todas as vezes que me cobrava e teimava comigo sobre as respostas durante as provas. Enfim, por nunca ter soltado minha mão, por ser “dupla de sempre”.

RESUMO

Muito se tem discutido acerca das desigualdades de classes e de gênero, bem como o abismo entre eles que têm se tornado cada vez mais agravante, as realidades sociais também tem separado o mundo dos ricos e dos pobres, a elite do proletário, o produtor e do consumidor, enclausurando as pessoas em suas “bolhas” de fuga à realidade alheia, onde as relações de poder tornam-se uma forma de favorecimento pessoal, apenas para aqueles que pertencem a este meio social aristocrata, ou ainda, para os que se beneficiam por possuírem algum laço afetivo nessas relações (nepotismo). Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo central, compreender as dissemelhanças das camadas sociais no conto “A bela e a fera ou a ferida grande demais”, da escritora Clarice Lispector. Especificamente, pretende-se atentar para uma reflexão no tocante a relação entre literatura e sociedade, assim como evidenciar os aspectos sociais da cultura contemporânea nos textos da autora. O presente trabalho apresenta uma metodologia de análise do texto literário de cunho bibliográfico, norteado pelas contribuições de Damatta (1997), Dunker (2015), Santos (2018), Showalter (1994), Moraes (2018), Gotlig (1994). Como resultado, foi observado que na sociedade, além de existir uma hierarquização de classes, há também uma representação da felicidade como sendo ilusória, visto que a busca por esta, associasse à vida em “condomínios”, na qual a propriedade restringe-se apenas às pessoas de nível econômico mais elevado, que são privilegiadas, contribuindo para um afastamento entre os indivíduos de “espécies” distintas, que sua vez, vivem à mercê da aristocracia.

Palavras-Chaves: Clarice. Literatura. Espaço social. Segregação.

ABSTRACT

A lot has been discussed about class and gender inequalities, as well as the abyss between them that has become increasingly aggravating, the social realities has also separated the world of rich and poor, the proletarian elite, the producer and the consumer, enclosing people in their “bubble” of escape from others reality, where the relations of power becomes a form of personal fostering, only for those who belong to this aristocratic social milieu, or even, for those who benefits themselves from having some affective bond in these relationships (nepotism). In this perspective, the present work has as its central goal to understand the dissimilarities of social layers in the tale “A bela e a feraou a feridagrandedemais” form the writer Clarice Lispector. Specifically, it is intended to pay attention to a reflection on the relationship between literature and society, as well as highlighting the social aspects of contemporaneous culture in the author’s texts. This work presents a methodology for analyzing the literary text of a bibliographic nature, guided by the contributions of Damatta (1997), Dunker (2015), Santos (2018), Showalter (1994), Moraes (2018), Gotlig (1994). As a result, it was seen that in society, in addiction to hierarchization of classes, there is also a representation of happiness as being illusory, as the search for it associates life in “condominiums”, where property is restricted only to people of higher social level, who are privileged, contributing to a distancing between individuals of different “species”, who, in turn, live at the mercy of aristocracy.

Keywords: Clarice, Literature, Social Space, Segregation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OS CONFLITOS, DESIGUALDADES E DIFERENÇAS SOCIAIS NO BRASIL: A PARTIR DAS RELAÇÕES DE PODER E SEGREGAÇÃO.	10
3. MOVIMENTO FEMINISTA, LITERATURA E SOCIEDADE, NOS TEXTOS DE CLARICE LISPECTOR.	16
4. DISTANCIAMENTO SOCIAL A PARTIR DOS MUNDOS DIFERENTES ENTRE A MULHER DE CLASSE ALTA E O MENDIGO.....	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

São muitas as interpretações do Brasil moderno, principalmente no que diz respeito à tradição crítica de como a sociedade estabelece suas relações entre os indivíduos. Sempre foi difícil e polêmica a formação de uma cidadania brasileira, já que a raiz colonial de violência e mercado sobrepujaram a presença de um processo civilizatório aos moldes da metrópole.

Machado de Assis, pelos olhos de Schwarz (2012), foi um dos que percebeu as hipocrisias das relações de poder da sociedade brasileira, representando, nos tipos sociais coadjuvantes das narrativas, a “cor local” da desordem social que o liberalismo periférico se sustentava.

Desta desordem, pode-se identificar duas práticas na experiência social brasileira das quais utilizaremos como fundamentos teóricos para a análise do conto “A bela e a fera ou a ferida grande”, de Clarice Lispector. São eles a saber: a) a natureza violenta de uma “microfísica do poder” nas relações cotidianas das pessoas, pautada pela dualidade superior-inferior na vida social, geralmente passando pela ótica das disparidades econômicas; b) os mecanismos criados para o abandono destas relações através da instauração de muros que tentam impedir o mal-estar de viver nesta sociedade brasileira ainda por se realizar.

O conto de Clarice demonstra que quando estes muros de proteção contra a miséria social se rompem, há uma crise de identidade por parte dos atores que ergueram a barreira, revelando um impacto que pode representar uma desregulação das formas de vida. Ou seja, o trauma social de descobrir não apenas a vida real, mas também de retornar à vida artificial revelam ressignificações existenciais profundas que serão captados por Clarice Lispector através da personagem Carla de Sousa e Santos.

Para esta leitura, dois ensaios possuem particularmente importância fundamental: “Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil” (1997), do antropólogo Roberto Damatta e “A lógica de condomínio” (2015), do psicanalista Christian Dunker. Ensaios que serão analisados de maneira mais aprofundadas.

Este trabalho será dividido em três capítulos, o qual, no primeiro capítulo iremos no deter à parte teórica, que trata das desigualdades e diferenças sociais no Brasil, e as relações

de poder e segregação, como sendo geradoras de conflitos e aumento da miséria e marginalização, enfatizando o enclausuramento social, tendo as segregações, como sendo um fator agravante na geração de conflito interno e externo, oriundos dessas relações. No segundo capítulo, fizemos uma retrospectiva do movimento feminista e suas contribuições para a literatura, como também a contribuição literária, e social, na escrita de Clarice Lispector, revendo traços dessa literatura, que refletem na contemporaneidade. E no terceiro, atentaremos para análise do conto “A bela e a fera ou a ferida grande demais”, de Clarice Lispector, onde irei mostrar textualmente o distanciamento social a partir dos mundos diferentes entre a mulher de classe alta e o mendigo, e como estes contrastes exteriores acarretam uma crise identitária, na personagem Carla, como também um despertar para a realidade, oriundas das relações de poder e segregação.

Como metodologia de pesquisa o trabalho se deteve ao método de análise do texto literário, através de uma pesquisa bibliográfica que teve como soma as contribuições de Damatta (1997), Dunker (2015), Showalter (1994), Moraes (2012), Santos (2018) e Gotlib (1994).

Assim sendo, o trabalho em questão tem como desígnio compreender as diferenças de classes sociais no conto “A bela e a fera ou a ferida grande demais”, de Clarice Lispector e a partir do contraste entre dois mundos distintos e o sentido de ser e estar no mundo. Em vistas disso, os objetivos específicos foram apontados para reflexão da relação entre literatura e sociedade, identificando os aspectos sociais da cultura moderna na literatura de Clarice Lispector e analisando o lugar social como fomento para o autoconhecimento dos personagens do conto.

Como resultados encontrados, podemos apontar um abismo que separa o mundo dos ricos e dos pobres. O enclausuramento da personagem Carla em seu mundo particular é a confirmação desta realidade social que é comum em nossa sociedade, construindo barreiras que distanciam e restringem cada qual ao seu lugar predeterminado, mediante a sua posição social e relação de poder, como é o caso da protagonista, que conseguiu se estabelecer nessas relações de poder, por seu laço afetivo com alguém de nível social elevado, casando-se com um importante banqueiro. Alienando-se e seguindo roteiros determinados por sua escolha de pertencer alta sociedade.

Essa é uma situação vista com riqueza de detalhes ao longo da narrativa, em que a personagem se torna um produto o qual a sociedade fez um indivíduo preso a um mundo

fantasioso, cheio de futilidades, onde vive apenas de aparência, beleza exterior, felicidade ilusória, como é retratada na lógica do condomínio de Dunker (2015).

Clarice traz em suas narrativas, especificamente em “A bela e a fera ou ferida grande demais”, uma crise existencial e social que está presente em todas as classes sociais, e se tratando deste conto, as duas vertentes, social e existencial, as quais a personagem se encontra, após ter um fluxo de consciência ao se deparar com o mendigo.

2. OS CONFLITOS, DESIGUALDADES E DIFERENÇAS SOCIAIS NO BRASIL: A PARTIR DAS RELAÇÕES DE PODER E SEGREGAÇÃO.

Você sabe com quem está falando? Como há uma cultura de poder a partir da diferença entre indivíduo e pessoa.

O texto de Damatta (1997) inicia conceituando a noção de cultura. Segundo o dicionário, cultura é um conjunto de hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracterizam uma sociedade. Normalmente, tendemos a relacionar cultura a atributos positivos, porém, o autor explicita uma característica muito específica da cultura do indivíduo brasileiro, o uso do termo “sabe com quem está falando?”.

O uso dessa expressão propõe uma série de análises e discussões acerca do status social e das relações de poder, incidindo em diversos contextos, generalizados na maioria das vezes, mas que levam a um único intuito, o menosprezo de uma determinada classe com relação à outra, e a tentativa de sobreposição na hierarquia de poder.

Damatta (1997), a partir de uma pesquisa, usou a forma de entrevista para coleta de dados, que discute acerca da expressão “sabe com quem está falando?”. Foi possível constatar assim, na maioria das respostas, com público abrangente e diverso (leigos, analfabetos, letrados, etc.), variações que levavam as mesmas concepções, como o uso da expressão para enaltecimento; menosprezo ao outro; e para projeção do poder em si. Neste último caso, ocorre quando um indivíduo usa um terceiro de seu núcleo familiar ou de amizade, de status social elevado, como um meio de favorecimento pessoal.

Essas definições foram abordadas para levantar questões sobre o indivíduo e a pessoa, procurando apresentar divergências entre os dois. Nesse sentido, são discutidas nesse texto, as

ideias e reflexões do autor sobre a cultura de poder a partir da diferença entre esses dois conceitos. Pessoa e indivíduo são dois termos complementares, quando tomamos como inicial, a ideia de pessoa, segundo o autor, a entendemos como algo natural (ou naturalizada) na qual a construção social acarreta em sua formação como indivíduo. Em outras palavras, a pessoa é um ser complementar à formação de uma totalidade.

“É essa vertente que corresponde à noção de pessoa como entidade capaz de remeter ao todo, e não mais à unidade, e ainda como elemento básico por meio do qual se cristalizam relações essenciais e complementares do universo social” (DAMATTA, 1997. p. 222). A “pessoa” é posta como ser que está designado a seguir um “roteiro” ao qual a sociedade pré-determina, dessa maneira, é formada uma identidade que complementa um todo. Nesse caso, a individualidade não é o foco principal, mas sim, o todo (sociedade). Por ser parte de um “todo”, a “pessoa” se internaliza como o “indivíduo” que a sociedade o fez, desse modo, passa a ser um fruto dela, incapaz de tomar partido próprio.

Nessas formações sociais, devemos ainda notar, que a máscara social não é algo que possa ser retirado, como uma vestimenta ou farda, mas uma cicatriz, um corte, um furo, sinais de prerrogativas sociais, que geralmente são marcadas por uma ideologia complementar e fundamentada na reciprocidade (Damatta, 1997).

Em convergência ao conto “A bela e a fera, ou a ferida grande demais” de Clarice Lispector, objeto de estudo desta pesquisa, podemos elencar a personagem Carla de Sousa e Santos, como “pessoa”, uma vez que nunca tivera vida própria, à mercê de um roteiro escrito por uma elite conservadora. Percebemos essa afirmativa na seguinte passagem do conto: “Eram importantes o ‘de e o e’: marcavam classe e quatrocentos anos de carioca.” (Lispector, 2016.p.622).

Quando se assume uma individualidade que é posta como central a uma sociedade, estamos nos referindo ao “indivíduo”. Segundo Damatta (1997), o “indivíduo” parte como um ser capaz de assumir um posicionamento, colocando como princípio que a sociedade precisa estar ao seu serviço, o contrário será uma injustiça que necessita de correção.

Diferentemente da “pessoa”, o “indivíduo” toma partido e se sobrepõe, uma vez que é capaz de decidir, por isso, tendo um espaço próprio, além de ter escolhas vistas como direitos fundamentais, ainda ocupa uma posição nos sistemas que regem uma sociedade, visto que os indivíduos que os compõe, regem um ciclo de hierarquias, favorecendo os inclusos. Na visão do autor, o indivíduo faz as regras do mundo onde vive, não havendo mediação entre ele e o todo, enquanto a *pessoa* recebe essas regras, obedecendo-as à risca.

Damatta (1997) afirma que mediante a posição ocupada, os mais favorecidos socialmente tendem a continuar de forma ascendente na posição superior. Enquanto aqueles que estão numa zona mais baixa na hierarquia de poder, continuarão numa posição de inferioridade. Nesse último caso, existem ainda situações em que a pessoa menos favorecida, consegue uma ascensão de poder, por ser/estar numa relação de proximidade afetiva ou familiar, com alguém de status social elevado, como ocorre no conto, com a personagem Carla, que antes era apenas uma secretária, mas, ao casar-se com homem rico, passa a ocupar uma posição de poder (mesmo que menos favorecida da que seu marido ocupa). “O refinamento e o alto grau de sofisticação e detalhes para as nuances das relações sociais são descobertas do próprio informante na sua prática social.” (Damatta,1997.p.187)

Partindo do pressuposto do que entendemos ser *indivíduo* e *pessoa*, podemos entender que ambos os termos expressam ideias contrárias, mas ao mesmo tempo, complementares. Estas duas vertentes do ser humano como ser social, se beneficiam ou tiram proveito do “sabe com quem está falando?”, mesmo que esta frase remeta ao autoritarismo, a expressividade transita por todas as classes sociais, desta maneira, o *indivíduo* seria o “corpo”, que tende a se separar da *pessoa*, tendo espaço para suas escolhas e liberdade de expressar suas ações e emoções, e estas, se contradizem numa perspectiva que remete a coletividade (todo). Enquanto isso, a *pessoa* seria a “alma”, na qual estaria associada a uma visão de complemento do *indivíduo* para formar uma totalidade e não estando em oposição aos ideais do indivíduo, mas em união para o fortalecimento desta unidade como um todo. Trazendo essa perspectiva para o universo do conto, a personagem Carla internaliza essas duas condições. Observamos isso no seguinte trecho: “Teve vontade de gritar para o mundo: ‘Eu não sou ruim!’ Sou um produto nem sei de quê, como saber dessa miséria de alma.” (LISPECTOR, 2016, p.628).

Mas e a cultura? Como se interliga com a ideia de *indivíduo* e *pessoa* e com as relações de poder? Se perguntará Damatta. É sabido que cultura é, também, caracterizada pelos costumes e hábitos de um povo, nesse sentido, o uso da expressão “sabe com quem está falando?” pode ser exemplificada para responder essa questão. É através de um sistema que são concretizadas situações cotidianas que tornamos parte de nossa “cultura”, na qual o indivíduo se opõe a pessoa. Ou seja, cada qual ocupando um lugar diferente. Nesse aspecto, o sistema elabora as leis e regras, as quais ambos precisam seguir, de forma igualitária. Porém, nessa sociedade, as tais leis (que deveriam ser universais a toda sociedade) que este sistema emprega, ao mesmo tempo inferioriza os menos privilegiados, pois há regalias para aqueles

que ocupam uma posição de prestígio social, que acabam por terem uma flexibilização quanto ao cumprimento das leis.

Até mesmo dentro das elites existe uma diferenciação de tratamento, é nesse ponto em que enxergamos o poder hierarquizante das relações de poder.

No Brasil, é preciso traduzir e legitimar o poderio econômico no idioma hierarquizante do sistema. E esse idioma revela as linhas das classificações fundadas na pessoa, na intelectualidade e na consideração por uma rede de relações pessoais” (DAMATA,1997. p.203).

Assim, entendemos que o *indivíduo* também está sujeito a divergências dos seus privilégios, pois embora os possua, ainda existe a possibilidade dele não ter títulos que o enalteça, diferenciando-o de outros que venham a possuí-los. No conto, isso se mostra de forma clara, pois logo de início, Carla é enunciada como mulher de prestígio, mas apenas por ser esposa de um banqueiro. “Ela tinha um nome a preservar: era Carla de Sousa e Santos” (LISPECTOR, 2016, p.622).

Assim, na sociedade brasileira, há uma cultura de cisão que se encontra como legitimação da desigualdade social. Não são apenas os bens materiais que constitui a diferença de classe, mas também todo um sistema de valores que passam a justificar no cotidiano um padrão de distinção e de poder. Pensando assim, entende-se que, quem complementa esta lógica de poder é a lógica do topo espacial do condomínio, desenvolvida por Christian Dunker, no seu livro *Mal-estar, sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros* (2015).

Iniciar uma abordagem sobre segregação social no Brasil traz à tona um leque de injustiças a grupos desprivilegiados em nosso país. Sob esse viés, pode-se observar que a problemática da desigualdade não está presente somente no quesito moradia, fazendo-se mais abrangente do que se imagina. Ela transita por uma vasta área da sociedade, aplicando-se à raça, à moral, ao credo, à cultura, ao gênero, por exemplo. Segundo o psicanalista brasileiro Christian Dunker (2015), em sua obra “A Lógica do Condomínio”, é retratada a representação de uma realidade incongruente, a qual evolui de modo a excluir progressivamente os menos favorecidos.

O psicanalista faz uma analogia à relação entre o público e privado que se dá por aqui, enfatizando a desigualdade estrutural existente em uma sociedade que nos torna indivíduos

impotentes. Destarte, essa distinção social se amplia diante desse cenário ineficaz, promovendo a divisão das classes. Ademais, o isolamento apresentado pelo autor é representado pelo que ele chama de “condomínio”, referindo-se às particularidades da elite e que, fora dos “muros”, há uma enorme parcela que vive à mercê do próprio destino, uma vez que não são dadas as oportunidades necessárias para reverter esse quadro.

O espaço já é concebido e vivido como falso universal. Por isso, os que vivem fora estão sem lugar, sem-terra, sem teto, sem destino. E os que vivem dentro, estão demasiadamente implantados em seu espaço, seu lugar e sua posição” (DUNKER, 2015, p.37) .

É inquestionável o quanto os condomínios e edifícios se modernizam com o passar dos anos, eles são projetados por uma engenharia que se reinventa a cada novo desafio, à medida que as tecnologias se aprimoram, subsidiando outros setores, como o da arquitetura a fim de inovar ainda mais suas construções.

Devido ao surgimento de tantos recursos tecnológicos do mundo moderno, fazendo com que os indivíduos se sintam seguros no lugar em que vivem, onde tudo funciona para contribuir com a paz e o bem estar. Igualmente, os condomínios são lugares muito seguros, possuindo regras, direitos e deveres divididos equitativamente entre os moradores, assim como uma sociedade organizada.

Ora, até mesmo os órgãos públicos trabalham com mais eficiência para garantir o bom funcionamento, mesmo sendo um local privado, a polícia está sempre presente, ajudando a manter a paz e o equilíbrio. O dinheiro dos inquilinos é aplicado para que estes usufruam de ruas sempre pavimentadas, serviços de água, coleta de lixo, jardinagem, academias, lazer, entre outros ofícios disponibilizados, ou seja, quanto mais aptidões um condomínio tiver, mais moderno e requisitado ele será.

Ao entrar em um desses modernos condomínios projetados com a mais tenra engenharia urbanística, temos o sentimento pacificador de que enfim encontramos alguma ordem e segurança”. (DUNKER, 2015, p.35).

Essas habitações, que antes dominavam as periferias, agora tomam conta dos centros das grandes cidades. Os antigos condomínios foram erguidos nas zonas periféricas na forma horizontal, e de repente se tornaram um amontoado de residências, cercados por muros altos,

logo, mudaram-se para as zonas mais nobres das grandes metrópoles, como a grande São Paulo.

Na visão do autor, tratam-se de construções habitacionais cada vez mais modernas e amplas que oferecem condições de vidas dignas àqueles que podem pagar para residirem nelas. Todavia, estes acarretam também o rastro da precariedade, a qual estão submetidos os que vivem às margens da sociedade, ao passo que cresce a procura por estas habitações que oferecem de todo o conforto, luxo e privacidade para atrair cada vez mais pessoas, fica visível o quanto essas grandes construções tem ajudado a separá-las, já que não são todos que podem residir em um lugar como tal.

As diferenças de classe e de raça não foram tocadas, mas “resolvidas” por meio de um sutil código de circulação e de convivência apartada entre os serviços e os moradores. Seria preciso descobrir como foi possível inventar uma forma de vida comum sem uma verdadeira comunidade. (DUNKER, 2015, p.36).

Portanto, a tendência é o agravamento do isolamento social das classes, tendo em vista, as diferenças exorbitantes dos mundos efetivos no corpo social. Além de evidenciar o descaso por parte do Estado para com esses grupos mais vulneráveis, o que dificulta mais ainda o sonho de uma sociedade eficiente e igualitária. Enquanto uma parte da sociedade desfruta de conforto, isolada em sua bolha de fuga à realidade alheia, outros dividem espaços minúsculos e precários, amontoando-se sem a mínima privacidade, ou inclusive nem tendo a dignidade de morar sob um teto, tendo as ruas e viadutos como lar.

Voltando ao contexto do conto em análise, a forma na qual a personagem Carla demonstra viver, assemelha-se com a vida dentro dos condomínios de Dunker (2015). Ela nunca parou para olhar ao redor, seguindo os mesmos padrões, até o fatídico dia em que encontra aquele mendigo. Pertencia a uma bolha social, enclausurada em um “mundo perfeito” no qual jamais pensaria no conceito de desigualdade social, pois isso fugia de sua realidade, ao encontrar com o mendigo, despertava de sua ilusão social. “Ela estava espantada: como praticamente não andava na rua-era de carro de porta a porta” (LISPECTOR, 2016, p.623).

Para finalizar, o que se tem visto como sonho de muitos brasileiros, na visão de Dunker (2015), é, na verdade, uma forma de vida “maquiada”. Viver com segurança, conforto e ter tudo ao alcance é uma ilusória contradição, visto que sua liberdade é privada, uma vez

que uma série de regras são postas para manter o padrão social imposto, impedindo os moradores de saírem de sua bolha social. Sem perceber, as pessoas, acabam ficando presas a uma falsa ideia de paraíso, o que, nesse sentido, contribui ainda mais para o esquecimento ou menosprezo dos que estão fora desse convívio social.

A lógica do condomínio tem por premissa justamente excluir o que está fora de seus muros: Portanto, no fundo, não há nada para pensar na tensão entre esse local murado e seu exterior [...] A psicanálise nos ensina a reconhecer com suspeita tais produções sociais, que acenam com uma região de extraterritorialidade protegida, um espaço abrigado onde se concentraria a realização do prazer retinto de liberdade. (DUNKER, 2015, p.38).

3. MOVIMENTO FEMINISTA, LITERATURA E SOCIEDADE, NOS TEXTOS DE CLARICE LISPECTOR.

Foram muitos os desafios que o movimento feminista encontrou em seu início, um deles, foi a falta de teóricos que abordassem essa temática, além da dificuldade de visibilização num cenário masculino. A crítica feminista na visão de Showalter (1994) tem duas formas, a primeira delas é referente a feminista enquanto leitora, oferecendo leituras feministas que levam em consideração os estereótipos que a mulher possui na literatura, as omissões e os falsos juízos da mulher na crítica, de um modo geral, para a autora, a leitura feminista pode ser uma ação libertadora.

A outra diz respeito à revisão de literatura, ou revisionismo feminista que retificam uma injustiça e está construída sobre modelos já existentes. Ainda, para a autora é muito importante que a prática seja centrada na mulher, na indagação sobre o que se quer saber e como podem ser encontradas respostas para as perguntas que surgem de sua experiência enquanto mulher.

A mulher como escritora passou a ser alvo de estudo da crítica feminista, que durante o processo de definição do feminismo, saiu de uma visão androcentrista para uma visão ginocentrista. Em resumo, a autora afirma que as teorias da escrita das mulheres escritoras

fazem uso de quatro modelos de diferença: biológico, psicanalista, linguístico e cultural, sendo que cada um é um esforço para definir e diferenciar as qualidades da mulher escritora e seu texto, onde cada modelo mostra uma escola de crítica feminista ginocêntrica, com estilos e métodos preferidos.

A linguística feminista é outro ponto abordado, pois naquela época ainda havia repressão e opressão nesse campo, por isso, esse modelo era centrado na luta pela abertura e ampliação do campo linguístico das mulheres, buscando acabar com as limitações e políticas que lhes cercavam. Segundo Showalter (1994), um modelo da situação cultural das mulheres é muito importante para que haja compreensão de como são percebidas pelo grupo dominante e como percebem a si mesmas e aos demais.

Durante a década de 60 e 70, época marcada pela ditadura militar, censura e opressão, mas também, o período de revoltas e lutas dos jovens estudantes, a presença feminina na luta armada contra esse regime, na visão de Moraes (2012), representa uma profunda transgressão ao que era designado como próprio do “sexo feminino”. A ideia feminista, mesmo não formulada deliberadamente, trouxeram à tona uma figura “masculinizada” das militantes, pois estas assumiam um comportamento sexual que colocava em questão a virgindade e a instituição do casamento, tornando-se um instrumento de emancipação.

A mulher que extrapolou seu universo doméstico e feminino para “agir como homem” recebe uma estigmatização adicional por desafiar o “código de gênero de sua época”, tal como sucedeu com as mulheres que participaram da luta armada (MORAES, 2012, p.05)

Dessa forma, se tratando da mulher e suas lutas e conquistas, destacamos: Clarice Lispector que revolucionou a forma de fazer literatura, pois foi pioneira em tratar de questões relacionadas a condição da mulher em suas narrativas, os temas retratados por ela, não eram comuns para época, ela escrevia sobre a mulher e sua representação social, antes mesmo de existir o movimento feminista, de modo, que os detalhes da escrita da autora, a colocaria como sendo uma das maiores representantes da literatura brasileira. Ela apresenta em sua escrita, temas que são atemporais, pois traz em suas narrativas uma representação da mulher em todos os âmbitos, seja ele familiar, afetivo, amoroso, dentre outros, que geram um certo

conflito interno nas personagens, que na maioria das vezes não tem seu lugar social definido, sendo meramente representantes das imposições dadas a elas.

[...] Cabia à mulher ainda um papel de mulher apenas do lar e feminismo ainda se encontravam no que hoje conhecemos como segunda onda dos movimentos feministas. Ou seja, podemos afirmar que Clarice fora vanguardista a criar personagens que servem hoje para inúmeras reflexões das teorias da identidade em termos mais abrangentes e também de uma tida como feminina de forma particular. (SANTOS, 2018, p.39)

Desde os seus primeiros contos, escrito em 1940, quando Clarice Lispector tinha vinte anos incompletos, nota-se uma preocupação fundamental desenhada na trama dessas narrativas: a personagem-mulher, inserida no meio familiar, passa por conflitos cujas razões não sabe bem explicar, experimentando situações que instigam a problematização de aspectos diretamente ligados à sua identidade, nos seus diferentes e complexos papéis sociais” (GOTLIB, 1994, p.94)

Partindo dessas contribuições, é inquestionável a contribuição e importância da escrita de Clarice para a nossa literatura, com ênfase para o público feminino, que através de suas narrativas veem uma representatividade, da figura feminina na sociedade, como também em suas histórias, uma série de preconceitos, para com a figura feminina, seja na literatura, ou em outros campos.

Trata-se de uma teia na qual a relação da narradora com suas personagens conflui em fios de discurso\fios de pensamentos que deslizam de uma obra ou outra, produzindo ressonâncias e superposições na construção de elos intersubjetivos (SHMIDT, 2020, p.03).

Ainda, é notória em suas obras a força superior da mulher, e como elas as usam para se sobressaírem das difíceis relações sociais e familiares. E essas representações de suas personagens são atemporais, retratam a realidade da época em que foram escritas, como também e refletida na atualidade. Outro traço de suas narrativas é o conflito identitário, vividos por suas personagens, com destaque para o papel social de cada época, essa é uma das marcas de seus textos, a qual iremos destacar mais detalhadamente na análise que será feita posteriormente.

Não há apenas uma identidade, ou mesmo uma que possamos dizer fixa, pois por se constituir como algo cultural, ela é fluída e podemos carregar durante nossa existência variados fatores que irão interferir em como somos categorizados e na maneira que encaramos essas categorias em nós mesmos.(SANTOS,2018,p.36)

A obra acerca da qual faremos a análise é intitulada “A bela e a fera ou a ferida grande demais”, da escritora Clarice Lispector. Trata-se de um conto publicado originalmente no livro *A bela e Fera*(1997), e atualmente integra a coletânea “Todos os Conto”, que consiste na reunião de diversos contos da autora. O conto traz a tona traços típicos das narrativas lispectorianas, e mesmo tendo sido escrita a muito tempo, retrata uma realidade não tão distante da contemporaneidade.

A narrativa transcorre no Rio de Janeiro, precisamente na avenida atlântica, em Copacabana, bairro considerado nobre da cidade e os poucos personagens que a compõem são: Carla de Sousa e Santos, mulher rica da alta sociedade carioca e esposa de um importante banqueiro, “seu” José o chofer; e o mendigo que não tem seu nome revelado, que juntamente com a senhora da alta sociedade são responsáveis por darem continuidade ao desfecho da narrativa, inclusive é o encontro com esse mendigo que faz com que a madame enxergue de maneira realista e crítica a realidade fútil a qual a mesma está inserida.

Como característica peculiar do conto, a narrativa apresenta-se de forma breve, ou seja, se passando em apenas algumas horas de uma tarde de maio, contudo é retratada também através de flashback, que dá uma pausa no tempo cronológico para relatar acontecimentos passado, abarcando riquezas de detalhes, que situam o leitor no tocante ao entendimento da mesma. O conto é narrado em terceira pessoa, observa-se que, além de retratar os acontecimentos, o narrador adentra no mundo interior dos personagens, fazendo-se onisciente e também onipresente, pois ao mesmo tempo que a história, transcorre também os contrastes sociais entre o universo da mulher rica *versus* o do mendigo, mergulhando assim no psicológico dos personagens, que por sua vez, encontram-se abalados devido ao confronto das diferenças entre as realidades, que constroem a narrativa.

4. DISTANCIAMENTO SOCIAL A PARTIR DOS MUNDOS DIFERENTES ENTRE A MULHER DE CLASSE ALTA E O MENDIGO.

O conto “A bela e a fera ou ferida grande demais” da escritora Clarice Lispector, é integrante da obra “*A Bela e Fera*” (1979), atualmente fazendo parte da coletânea “*todos os contos*”. A história narra o diálogo entre uma senhora da alta sociedade com um mendigo, trazendo a tona, uma reflexão sobre classes sociais, felicidade, vida, trivialidade das coisas materiais.

Ao sair mais cedo de sua ida ao salão de beleza, por ter dispensado o chofer e por portar em seu bolso um valor alto demais para pegar um taxi, Carla de Sousa e Santos, “bela, refinada e esposa” de um homem tido como importante, resolve aproveitar à tarde de maio para esperar na rua, admirando aquele frescor, consigo mesma, como há muito tempo não o fazia. Quando, de repente, se depara com um morador de rua que possuía uma ferida exposta em sua perna, lhe pedindo esmola para comer. Nesse momento, inicia-se um diálogo entre os dois, no qual a personagem Carla reflete sobre sua condição social, enquanto mulher da alta sociedade, de família bem estruturada, portadora de sobrenome que carrega sinônimo de imponência. Perceber a existência de uma realidade diferente da qual estava habituada, lhe fez refletir sobre sua condição espiritual, de uma mulher pobre de alma, triste e vazia. Esse contraste social revelava que ao mesmo tempo em que era uma mulher rica em capital, também era, na verdade, pobre de identidade, passiva de decisões de outros ao seu entorno, que ditavam seu comportamento, sua forma de falar, suas vestimentas e sua forma de viver.

O *status* social da personagem é um reflexo à condição financeira de seu marido, um banqueiro, de família tradicional do Rio de Janeiro. “Carla de Sousa e Santos. Eram importantes o ‘de’ e o ‘e’: marcavam classe e quatrocentos anos de carioca” (LISPECTOR, 2016, p.622). Em suma, Carla como *indivíduo*, era apenas mais uma mulher, em uma época machista, ou seja, se casada, possuía um sobrenome e um título de esposa e senhora a zelar, todavia, era dispensável caso não seguisse o roteiro ditado por um marido, ou se fosse solteira, estaria à espera de um marido para ter espaço na sociedade elitista, pois naquela época, dificilmente uma ascenderia socialmente por mérito próprio.

Observaremos as múltiplas imagens que legitimam a presença da mulher no contexto social, a partir do conteúdo alegórico e metafórico expresso na construção da imagem e, principalmente, a carga metafórica contida na cegueira aparente, observada na personagem, pois o espelho que permite o ato contemplativo, muitas vezes, é figurativo, servindo para revelar a relação entre sujeito e realidade exterior e, em particular, a percepção do eu em relação ao outro e ao seu mundo circundante (SILVA; MELO, 2013).

Pesava sobre a personagem a única opção de mudar sua vida, já que era mulher pobre em época machista, apenas sua dignidade não bastaria, logo, a única opção disponível, para ter uma posição social, casar-se, atitude muito comum para a época.

Ela que, sendo mulher, o que lhe parecia engraçado ser ou não ser, sabia que, se fosse homem, naturalmente seria banqueiro, coisa normal que acontece entre os ‘dela’, isto é, de sua classe social, á qual, o marido, porém, alcançara por muito trabalho e que o classificava de *self-made-man*, enquanto ela não era uma *self-made-woman*.(LISPECTOR, 2016, p.622).

Percebe-se que o fato de ter sempre ao seu redor uma realidade de luxo e futilidade, faz da personagem, uma pessoa alienada, pois ela não tem noção da realidade à sua volta, porém, isso se desfaz no momento em que tem contato com o mendigo, que a faz refletir sobre si e seu entorno, questionando-se sobre sua condição como uma pessoa sem características próprias, seguindo um roteiro ditado por aqueles que estão num nível social elevado.

Por um momento, a personagem desfaz sua alienação, a partir do momento que inconscientemente questiona a desigualdade social, compreendendo a existência de uma consciência de classe alternativa, pois já vivera realidade parecida, enquanto pessoa de baixo *status*, e agora numa onda tem acesso às regalias da “alta sociedade”. (LISPECTOR, 2016, p.629). “Tomava plena consciência de que até agora fingira que não havia os que passam fome, não falam nenhuma língua e que havia multidões anônimas mendigando para sobreviver”.

O encontro desses dois personagens é o gatilho que dá o início a uma série de questionamentos subjetivos. “viu que não sabia gerir o mundo. Era uma incapaz, com os cabelos negros e unhas compridas e vermelhas. Ela era isso: como uma fotografia colorida fora de foco” (LISPECTOR, 2016, p.625). Carla, ao mesmo tempo que percebe que tem levado uma vida vã, passiva, subversiva a vontades alheias, perdendo suas características e se robotizando como a esposa padrão, com filhos, mas com pele branca e bem cuidada, também acaba iniciando uma autodefesa de seus questionamentos, no momento em que percebe que se iguala ao mendigo como indivíduo, menosprezando-o, apontando suas falhas e se colocando como uma pessoa superior.“A mola do mundo é dinheiro? Fez-se ela a pergunta.Mas quis fingir que não era.Sentiu-se tão, tão rica que teve um mal-estar” (LISPECTOR, 2016, p.629).

Reconhecer-se como pessoa capaz e incapaz de tomar decisões, a faz ter duas conclusões na qual uma delas se sobressai. Na primeira delas, toma consciência de classe e clama por justiça social, se coloca como pessoa pobre e incapaz. Embora esse pensamento tome-a por completo, naquele instante, Carla acaba voltando-se ao pensamento de que por mais que quisesse mudar o mundo, não poderia, pois abdicaria de seus privilégios. Por mais que não abdicasse de suas regalias, acabaria psicologicamente abalada pelo encontro com aquele mendigo. Pois, sempre que se lembrasse da sua riqueza, lembraria também da pobreza alheia, da realidade do outro e das dificuldades das classes menos favorecidas, até porque, já pertencera a esse meio social. “Antes de casar era de classe média, secretária do banqueiro com quem se casara e agora-agora luz de velas. Eu estou é brincando de viver, pensou a vida não é isso” (LISPECTOR, 2016, p.627).

Outro ponto a se analisar são os sentimentos da personagem, ela questiona sua felicidade, pois percebe que mesmo com acesso a tudo e a qualquer hora que quisesse, ainda não era feliz, quando comparada ao mendigo, pois ele vivera mais intensamente. Carla, enquanto jovem tinha sonhos e desejos, mas eles foram esquecidos, ou pelos menos adormecidos, até o encontro com aquele mendigo que a fez refletir sobre todos os aspectos de sua vida, ela, como ser humano, era igual aos demais, no entanto, como pessoa, tinha diferença, por seu *status* social.

Ao mesmo tempo em que se sentia bela, bem vestida e privilegiada pelo acesso que a riqueza lhe proporcionava, sentia-se, também, a mais pobre das criaturas, sentindo-se igualada ao mendigo, pela sua condição de pobreza espiritual. Pois, não possuía vontades, gostos, anseios por coisa alguma, no momento em que encontrara o mendigo, perdera completamente o sentido de sua vida, pois naquele instante, não sabia explicar para si mesma se estava existindo realmente.

Que sentido teria a vida de alguém impotente, alienada e tomada por um sentimento de trivialidade? Carla perguntava a si mesma, pois embora tivesse noção que era apenas uma figurante no cenário da alta sociedade da qual fazia parte, também não conseguia se desfazer desses laços que a faziam uma mulher inútil. Caso abandonasse essa ligação com a alta burguesia, perderia o acesso a tudo o que a fazia parecer uma mulher importante socialmente, enquanto pessoa, pois, como indivíduo, sentia-se uma mendiga a mercê das vontades de seus benfeitores.

Talvez, Carla ainda possuísse consciência da existência de um abismo que separa o mundo dos ricos e favorecidos, dos pobres e marginalizados. Todavia, não se responsabilizava

por essa condição, já que não estava preparada para abandonar o bem-estar que o casamento com alguém de *status* social elevado lhe oferecia. Afinal, o que a fez conseguir ascender socialmente, foi sua beleza, porque se não fosse uma moça tão bonita (segundo o padrão social daquela época) não teria chamado a atenção do homem que lhe pediria em casamento, posteriormente.

Ela se encostou na parede e resolveu deliberadamente pensar. Era diferente porque não tinha o hábito e ela não sabia que pensamento era visão e compreensão e que ninguém podia se intimar assim: pense! Bem. Mas acontece que resolver era um obstáculo. Pôs-se então a olhar para dentro de si e realmente começaram a acontecer. Só que tinha os pensamentos mais tolos. Assim: esse mendigo sabe inglês? Esse mendigo já comeu caviar, bebendo champanhe? (LISPECTOR, 2016, p.625).

E como poderia ficar sem os cuidados com a beleza? Aquilo que a fez conseguir tudo o que tinha! Jamais poderia, pois a esposa de um homem tão importante, teria que apresentar-se, sempre bela e elegante, pois, caso não seguisse essa normativa, sabia que poderia ser trocada por uma das amantes (mais novas e tão belas quanto ela) de seu esposo. Em seu íntimo, sabia que não era má pessoa, pois entendia a necessidade da mudança daquele cenário social de desigualdade, mas mesmo assim, não caberia a ela mudar esta realidade, e por isso, não quisera admitir o sentimento que lhe ocorrera. Por um momento, desejou não possuir alma, pois assim não teria sentimento algum pela miséria alheia, ao mesmo tempo, se viu como semelhante daquele ser humano tão necessitado da misericórdia humana, onde a única coisa que os separava eram os bens materiais que dispunham, afinal de contas, eram iguais, pois nasceram no mesmo mundo e morreriam nele, sendo filhos de um mesmo criador. Quisera ela, não se abalar diante daquela situação, ser como a maioria dos que a cercavam socialmente, ignorando o mundo à volta, encarcerar-se em seu próprio mundo, fingindo que fome, miséria e injustiça não existiam e esquecer de sua consciência de classe. No entanto, pesava sobre ela o fardo de não ter nascido em berço de ouro, embora tenha “vencido na vida” (mesmo não tendo meritocracia nisso, estava disposta a vender sua alma, pois nem mesmo uma fagulha de sentimento preenchia seu vazio, até encontrar-se com o mendigo) como dissera uma vez seu falecido avô.

A partir daquele encontro, ela percebeu que tudo o que possuía lhe foi dado de mão beijada, por escolhas alheias à sua vontade, talvez essa seja a razão a qual a faça sentir-se tão incapaz de gerir sua própria existência, passando a buscar qual o sentido de ser ou estar no

mundo, e o propósito que o ser humano busca para encontrar-se enquanto “pessoa” e “indivíduo” e “ser humano” (totalidade de espírito), sem culpas ou arrependimentos de ser ou pertencer a uma determinada classe da sociedade.

Desesperou-se então. Desesperou-se tanto que lhe veio o pensamento feito de duas palavras apenas: “justiça social”. [...] Viu que não sabia gerir o mundo. Era uma incapaz. Ela era como uma fotografia fora de foco. Faziam tudo por ela. Até mesmo os dois filhos- pois bem, fora o marido que determinara que teriam dois filhos. (LISPECTOR, 2016, p.625).

O encontro com o mendigo desencadeou uma série de reflexões a respeito dele e sobre si mesma, uma delas, trouxe à tona alguns pontos em comum entre os dois, apesar de serem o oposto um do outro, de pertencerem a um mesmo mundo e serem constituídos da mesma matéria, possuíam mundos particulares, em que o da madame era cheio de privilégios, fartura, festas, acesso à educação de qualidade, cultura e lazer, enquanto, o do mendigo, era repleto de miséria, fome, vulnerabilidade e nenhum acesso à educação, e mesmo assim algo os unia, o dinheiro. Para ela, era fonte de todas as coisas materiais que usufruía, já para ele, o mendigo, representava sua sobrevivência e de sua família, ela com tanto e ele com esmolas.

E esse contraste trouxe outra percepção da realidade vivida pela dama da alta sociedade, ela pode enxergar o mundo à sua volta como um lugar cheio de divergências e injustiças, diferente do que já estava habituada, em meio a todo o luxo e glamour, dignidade não era uma de suas qualidades, assim, Carla possuía uma pobreza tão grande quanto à do mendigo. Vivia de migalhas, mendigando o amor de seu marido infiel, já que dividia seu casamento com outras duas mulheres, tivera seus filhos por vontade de seu esposo e não sua, sempre procurou aceitação no seu mundinho de trivialidades, no qual somente a beleza exterior e a vaidade valiam. Seus sentimentos eram imperceptíveis, quase esquecendo que os tinha, viu que a dor alheia também era importante para ela, mesmo que de maneira meramente covarde, pois a vida daquele homem não mudaria com isso, embora ela tivesse como mudá-la.

Porém, aquele homem mudara para sempre a sua existência, porque agora ela tinha a certeza que mesmo possuindo seu mundo particular, isolando-se em sua bolha de privilégios e de tudo que possa lhe tirar a paz, jamais teria a mesma concepção de realidade de antes. Sempre que tivesse em grandes eventos iria se perguntar se aquele homem já se alimentou, dormiu bem ou teve um bom dia, dessa forma, a partir desse encontro, se despiu de

todas as máscaras que lhe vestia, agora ela percebe que tudo em sua vida é vão, um antro de futilidades maquiadas pela artificialidade da riqueza e sem sentido.

Uma vez que nunca conquistou nada por mérito pessoal, tendo que se deixar levar pelo que os outros a impõem desde criança. Nem ao menos arriscou se aventurar a ser ela mesma com todo mundo, acertando e errando, mas ainda sim sendo si mesma.

Só agora, aos trinta e cinco anos de idade, através da ferida, precisava ou cantar muito mal ou cantar muito bem-estava desnorteada. Há quanto tempo não ouvia a música clássica porque esta poderia tirá-la do sono automático em que vivia. Eu-eu estou brincando de viver. No mês que vinha ia a New York e descobriu que essa ida era como uma nova mentira, como uma perplexidade. Ter uma ferida na perna —é uma realidade. E tudo na sua vida, desde quando havia nascido, tudo na sua vida fora macio como pulo de gato” (LISPECTOR, 2016, p.632).

Mas em seu íntimo, naquele momento em diante mudaria, mesmo que superficialmente, abalariam seus sentimentos, nunca mais desfrutaria de tanto luxo com o mesmo entusiasmo de antes, pois lembraria da existência da fome e de pessoas que nada têm. Até mesmo seus pensamentos sobre aquela ferida exposta, a fariam refletir sobre a realidade do mundo e a daquele homem que estava em sua frente aquela ferida, ao passo de que transpassava dor, representava, também, a sobrevivência daquela criatura que talvez nem quisesse ser curado, pois não teria justificativa para pedir esmolas.

Carla levantava questionamentos triviais sobre a figura em sua frente, perguntava a si mesma se com dinheiro, ele poderia comer carne, já que nem dentes ele possuía, e mesmo sem dentes, ele sorria, aparentando ser uma pessoa feliz e bem vivida, apesar de tudo, pois tivera 11 filhos e divertia-se a sua maneira. Ela, no entanto, mesmo com tanta riqueza, era infeliz, vazia e sem amor próprio, passiva das vontades de seu marido. Quando analisamos a visão do mendigo sobre aquela situação, o pensamento que lhe surge, é que a senhora rica, primeiramente, ou era louca ou estaria de gozação com ele, pois jamais lhe tivera sido oferecida tamanha quantia de dinheiro como esmola. Nesse momento do texto, é trazido a tona um traço da realidade daqueles que vivem à margem da sociedade, pois ao ganhar uma esmola de valor agregado, logo tratou de pedir para que não o acusasse de roubo, já que o fato de ser pobre, maltrapilho e sem educação, teria o estigma de uma pessoa incapaz de possuir tal dinheiro sem que este fosse fruto de roubo ou furto.

Segundamente, lhe veio o pensamento de que uma mulher tão bem vestida e com tamanha quantia em sua bolsa, na verdade, não fosse rica, mas teria todo esse dinheiro porque vendera seu corpo, como outras mulheres de aparência bonita e jovial que já tinha visto em outras ocasiões.

Depois desse encontro entre indivíduos tão parecidos e tão diferentes ao mesmo tempo, Carla de Sousa nunca mais seria a mesma, por mais que quisesse fechar os olhos para a realidade de descaso as quais estão sujeitos, aqueles que foram marginalizados, não poderia, pois pesa em sua consciência a pobreza de seu espírito e o vazio de sua riqueza.

Trazendo à tona a ferida daquela mulher fina e elegante, que está tão deteriorada quanto à ferida exposta pelo mendigo. Embora não aparente exteriormente, em sua intimidade não há como escondê-las, e acaba percebendo o quanto são necessárias as migalhas alheias para alimentar seu ego, tornando-a igual ao pobre homem, tão miserável quanto ele, ou talvez ainda mais, pois sua pobreza vem do espírito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de uma sociedade cindida em diversos papéis sociais, desempenhados por homens e mulheres, evidencia-se a importância da literatura para a desmistificação do papel social, como também pessoal do ser humano. Nesse sentido, essa pesquisa se mostra relevante a todo tempo, por denotar que as relações de poder e segregação, que tem sido um divisor de classes, também podem ser alvos de críticas e denúncias, boa parte destas, partindo da arte e da literatura, que tenta minimizar e conscientizar as pessoas para o agravante que estas relações ocasionam para a sociedade. Desigualdades, fome e a miséria dos que estão à

margem da sociedade estão presentes na obra de Clarice e muitas vezes são pouco ou quase nada reconhecidos, por se tratar de temas ofuscados pelas questões subjetivas e de gênero.

Portanto, a literatura, com ênfase a de Clarice Lispector, no conto “A bela e a fera ou a ferida grande demais”, a autora inverte a lógica do “você sabe com quem está falando?”. Pois a personagem do referido conto, Carla de Sousa e Santos não sabia nem mesmo quem ela era, ao se deparar com uma realidade distinta a qual estava habituada, esse contraste social, a qual divide a sociedade, tanto na questão social, quanto na subjetividade, assim cada qual tende a interpretar o mundo e as realidades contidas nele, a sua maneira. Clarice mostra que relação de gênero e classe estão “totalmente” intrincadas, problemas que coabitam uma mesma singularidade.

No caso da personagem Carla, ela enxergou a realidade como é, diferentemente de outros de seu meio social, que fingem não existir outras pessoas que nada tem, que sobrevivem de esmolas, migalhas alheias. Clarice aponta no estremecimento da personagem uma mudança, de dentro para fora e de fora para dentro. A esperança vem da tomada de consciência, através da experiência do encontro com o mendigo, ou seja, o ser humano toma partido de determinadas situações cotidianas para si próprio, a partir da vivência, e estas por sua vez, não são experiências vividas por uma parte da sociedade, que se enclausura, entre os muros, que separamos seres humanos. Uma vez que se tem conhecimento dos acontecimentos vivenciados na prática, e o isolamento decorrente das segregações que dividem os mundos entre ricos x pobres, acabam por distorcerem a realidade, onde muitos vivem em suas realidades particulares, sem ter a consciência que existem vidas distintas, fora de seus convívios sociais, e é sobre isso que Clarice nos faz refletir em um pequeno conto.

REFERÊNCIAS

DAMATTA, ROBERTO. **Roberto Damatta carnavais malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.filis.wordpress.com/2010/10/28211389-roberto-damatta-carnavais-malandros-e-herois.pdf>. Acesso em 24/10/2021.

DUNKER, C. I. L. **Mal-Estar, Sofrimento e Sintonia: uma psicopatologia do Brasil entre Muros**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. Estado de Sítio.

GOTLIB, N. B. **Os Difíceis Laços da Família**. Cad.: Pesq., São Paulo, n. 91, p. 93-99, Nov. 1994.

LISPECTOR, C. **Todos os Contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MORAIS, M. L. Q. **Feminismo e Política: Dos anos 60 aos nossos dias**. *Estuds. Sociol.*, Araraquara, v.17, n.32, p. 107-121, 2012.

SANTOS, J. N. **A representação das identidades femininas em A Via Crucis do Corpo de Clarice Lispector / Joabe Nunes dos Santos**. – Recife, 2018. 96f.

SCHMIDT, R. T. **A teia sutil de uma poética feminista**. 2020.

SHOWALTER. E. **A Crítica Feminista no Território Selvagem**. p. 24-48, 1993.

SILVA, A. M. M.; MELO, F. R. **A sobrevivência motivada por uma ferida: uma leitura de “A Bela e a Fera ou a Ferida Grande Demais”**, contos de Clarice Lispector. XIII Congresso Internacional da ABRALIC *Internacionalização do Regional*. Campina Grande, 2013.